

## GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: CONCILIAÇÃO DE VIDA FAMILIAR, ESTUDO E TRABALHO DOS JOVENS EM RECIFE

**Joana Costa**

Técnica de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea.

*E-mail:* <joana.costa@ipea.gov.br>.

**Katcha Poloponsky**

Especialista da assessoria de pesquisa e avaliação da Fundação Roberto Marinho.

*E-mail:* <katchap@gmail.com>.

**Enid Rocha**

Técnica de planejamento e pesquisa na Disoc/Ipea.

*E-mail:* <enid.rocha@ipea.gov.br>.

**Felipe Russo**

Pesquisador do Programa de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) na Disoc/Ipea.

*E-mail:* <felipe.russo@ipea.gov.br>.

**Claudia Silva**

Analista de dados na Analysis Modelagem e Mineração de Dados; e doutoranda em ciências computacionais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

*E-mail:* <claudia.jakelline@gmail.com>.

DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td2717>

No Brasil de 1990 para 2018, a taxa de fecundidade na adolescência caiu de 83 para 58 nascimentos em mil jovens (15 a 19 anos de idade). Entretanto, apesar dessa redução, o país ainda apresenta valores consideravelmente acima da média mundial. A maternidade na adolescência pode se tornar um obstáculo ao pleno desenvolvimento de jovens mulheres, tanto em sua formação educacional como no mercado de trabalho. Assim, este texto buscou contribuir com a literatura sobre a gravidez na adolescência, caracterizando as trajetórias das jovens e analisando suas aspirações e expectativas com o futuro.

Para isso foi utilizada uma fonte de dados original, a partir de Novella *et al.* (2018),<sup>1</sup> parte do projeto regional Mejorando las Oportunidades para Jóvenes Vulnerables: Escuchando sus Voces, realizado em 2018 entre jovens de 15 a 24 anos. Essa pesquisa domiciliar cobriu diferentes dimensões e foi realizada em vários países da América Latina, e, no caso do Brasil, em Recife. Ela foi feita em duas etapas, uma quantitativa, realizada a partir de questionário e entrevistas estruturadas,

e uma qualitativa, realizada a partir de entrevistas semiestruturadas em grupo focais selecionados. Os dados da pesquisa quantitativa são compostos por 187 jovens com filhos e 1.169 jovens sem filhos, enquanto a qualitativa incluía 49 jovens distribuídos em seis grupos de discussão, sendo que oito jovens declararam ter vivenciado gravidez na adolescência.

De forma geral, jovens que experimentaram gravidez na adolescência apresentam uma trajetória escolar pior e têm maior chance de não estarem trabalhando nem estudando. Além disso, enquanto aspiram ao ensino superior na mesma proporção que outros entrevistados, jovens com filhos são mais pessimistas em sua expectativa de serem bem-sucedidos nesse objetivo. A maior dificuldade apontada por eles para essa realização seria a obrigação de cuidar de outros membros da família, provavelmente seus próprios filhos. Quanto aos jovens que estudavam na época da entrevista, há divergência entre jovens com e sem filhos na expectativa após conclusão da etapa. O primeiro grupo espera passar para próxima etapa de sua educação, enquanto o segundo pretende entrar no mercado de trabalho.

1. Novella, R. *et al.* *Millennials da América Latina e no Caribe: trabalhar ou estudar?* Brasília: BID, 2018.

# SUMEX

A pesquisa qualitativa corrobora e aprofunda esses resultados. Todas as jovens entrevistadas estavam sem trabalhar e estudar e desejavam retomar seus estudos. Entretanto, dificuldades financeira e falta de opção para delegarem o cuidado de suas crianças impossibilitavam esse retorno. Além disso, reportam o desejo de conseguirem entrar no mercado de trabalho para terem independência financeira e até para conseguirem sustentar seu retorno para o estudo. A baixa escolaridade, a falta de experiência profissional e a necessidade de cuidar de seus filhos foram apontadas como barreiras na procura do emprego. Essas jovens relatam, também, sentir o abandono de políticas públicas que pudessem ajudá-las em seus objetivos, e que após tantas negativas e dificuldade acabam tendo sua autoestima e confiança abaladas. Como relata uma das entrevistadas de 23 anos: “É como se eu fosse invisível, em outras palavras. (...) porque eu estou ali tentando, mas ninguém aposta em mim, ninguém acredita em mim”.

O texto encerra com exemplos de políticas públicas utilizadas como respostas a algumas das questões levantadas. Alguns exemplos são: programas de transferência de renda, como o Bolsa Família; ações de garantia de acesso a creches públicas, como as salas de acolhimento do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem); e campanhas de educação sexual e planejamento familiar.